

## “DA MULTI À INTERDISCIPLINARIDADE: A SABEDORIA NO PERCURSO DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO”\*

Dra. Divanir Eulália Naréssi Munhoz<sup>1</sup>

**RESUMO:** O texto discute a importância da interdisciplinaridade na ação do estudioso/do profissional, lembrando que, principalmente na ciência de orientação positivista, o conhecimento cresce através da “fragmentação artificial das ciências”, como um extremismo do processo de especialização e uma conseqüente propensão para o etnocentrismo, que obstaculiza o encontro interdisciplinar, plano superior à multidisciplinaridade. A partir desse etnocentrismo, as profissões, de modo geral, não aprendem a se enriquecer mutuamente pelas diferenças, o que implica a necessidade de constante estímulo a um diálogo de qualidade entre profissionais de distintas formações, no sentido de desenvolver uma cultura de valorização da alteridade. Na seqüência, o texto adverte que a interdisciplinaridade não descarta o especialista, mas o concebe num contexto global da sociedade e da realidade humana. Alerta também para a importância do cultivo da discussão sistemática entre profissionais de diferentes áreas, como estratégia pedagógica para criação e desenvolvimento de mentalidade interdisciplinar: **PALAVRAS-CHAVE:** Multidisciplinaridade, Interdisciplinaridade, Especialização e Construção do Conhecimento

\* Versão revisada do texto “Da Multi à Interdisciplinaridade: a sabedoria do percurso”, publicado na Revista de Estudos Criminais. Porto Alegre: Notadez/PUCRS/ITEC, n.18, abr/jun/2005. Com aportes de “Trabalho Interdisciplinar: realidade e utopia”, publicado na Revista Serviço Social & Sociedade. São Paulo: Cortez, n. 51/1996. Vide Referências.

<sup>1</sup> Mestre e Doutora em Serviço Social. Docente do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Ponta Grossa (1974-2009) e Organizadora do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas, da mesma IES. Professora da disciplina “Epistemologia e Método nas Ciências Sociais”.

**ABSTRACT:** The text discusses the importance of interdisciplinarity in the daily action of the researcher/professional, having in mind that, especially in the positivist orientation science, knowledge is built through the "artificial fragmentation of sciences", as an extreme manifestation of the specialization process and a consequent disposition for ethnocentrism, which poses as an obstacle for the interdisciplinary encounter, a plan that's superior to multidisciplinary. From this ethnocentrism, professions, in general, do not learn how to enrich each other mutually from differences, what causes the need for a constant stimulus to the development of a quality conversation between professionals of distinct backgrounds, with the purpose of developing a culture of valorization of alterity. Further on, the text warns that interdisciplinarity does not discard the specialist, but comprehends it in a global context of society and human reality. It also alerts for the importance of cultivating the systematic debate between professionals of different areas, as a pedagogical strategy for creating and developing interdisciplinary mentality.

**KEYWORDS:** Multidisciplinary, Interdisciplinarity, Specialization and Knowledge Construction.

...na epistemologia da especialização, o especialista é o homem que sabe. Para estar mais sozinho na posse de seu saber com toda tranquilidade, ele se acantona em uma parcela muito pequena para poder cultivar seu jardim com toda segurança. Daí uma psicologia campezina, onde se está sempre em guerra com os vizinhos por causa dos limites do terreno ou de pequenos muros.

*Um novo tipo de homem de ciência...*

Sem renunciar ao cultivo do campo que é o seu, ele deve situar-se no horizonte da mutualidade de significações humanas. Cada especialista tem a missão de ser ao mesmo tempo o guardião da totalidade.

Georges Gusdorf

## 1. Concepção organicista do universo de profissões

Observa-se que há uma natural tendência das disciplinas ou especialidades firmarem fronteiras entre si, do que resulta também a dificuldade das profissões relacionarem-se complementarmente.

Na ciência de orientação positivista, principalmente, o conhecimento cresce através da especialização; conforme Boaventura de Sousa Santos (1988: 46), “o seu rigor aumenta na proporção direta da arbitrariedade com que esparrilha o real”. Assim, o “conhecimento disciplinar” tende a ser também “disciplinado” e, por isso, procura “policar as fronteiras entre as disciplinas e reprimir os que as quiserem transpor”.

E o lado negativo dessa demarcação consiste, conforme Almeida e Pinto (1986: 60), na “fragmentação artificial das ciências”, na “indesejável feudalização” que não tem tido o contraponto de uma suficiente “busca de complementaridades”.

Essa “feudalização” se reforça tanto em decorrência da própria divisão social do trabalho, quanto pela concepção organicista do universo de profissões como uma soma de partes cuja função é dar conta de segmentos específicos e aparentemente isolados da vida do homem na sociedade - e não como responsáveis pela consecução de uma teleologia maior em relação ao homem e à sociedade. A partir dessa mesma representação, as instituições também cobram especificidade e, mais, valorizam o profissional pela especificidade. É uma contradição que precisa ser reconhecida e enfrentada!

Sem dúvida, é importante lembrar que os outros também organizam seu mundo do dia a dia em torno do “aqui e agora” e que nesse “aqui e agora” podem ter intenções e projetos de ação diferentes dos nossos. Dizem Berger e Luckmann (2004:40): “Meu ‘aqui’ é o ‘lá’ deles. Meu ‘agora’ não se superpõe completamente ao deles”.

No entanto, se, por um lado, os distintos profissionais diferem, quanto a intenções e projetos, em função da natureza de suas áreas de pertencimento, por outro lado, enquanto homens comuns, eles compartilham de muitos significados frente ao mundo, porque grande parte do seu referencial de saber para enfrentar o “aqui e agora” é do senso comum<sup>2</sup>.

2 -**Senso comum**: O uso da expressão nesta parte do texto apoia-se no seguinte: “a primeira acepção da fórmula [senso comum], que deriva de Aristóteles (...) designa o órgão central (e a função correspondente) que, por um lado, **supera a diversidade sensorial** e combina as impressões para constituir a unidade do objeto percebido, e que, por outro, conservando as imagens, é capaz de reencontrar a partir de elementos parciais os dados sensoriais ausentes relativos ao objeto” percebido (DUROZOL; ROUSSEL, 1993: 430 - colchetes, negritos e outros destaques: acrescentados). O Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa confirma esse entendimento de superação da diversidade, ao decodificar o termo “**comum**” como “**pertencente a todos ou a muitos**” (CUNHA, 1982: 202 - negritos e outros destaques: acrescentados).

Mas, de modo geral, os diferentes profissionais não têm o hábito de discutir seu cotidiano a partir do que lhes é comum, a partir de seus pontos de identidade, ou melhor dizendo, de similitude. E, mais do que isso, via de regra não são habituados, nem despertados, nem motivados, nem ao menos sensíveis, para a discussão, a não ser quando se sentem ameaçados na sua individualidade.

Na verdade, em se tratando principalmente de campos de ação que planejam o desenvolvimento de trabalhos a partir de necessidades que os homens, que a sociedade, encontram em seu cotidiano, as finalidades desses trabalhos também, em princípio, envolvem diferentes profissionais, cada um dando sua parcela de contribuição; finalidades, pois, que a todos pertencem mas que não são de ninguém.

## 2. A busca de uma ação interdisciplinar

Aí entra em discussão a questão da interdisciplinaridade que, apesar de no plano teórico ser quase que indiscutivelmente aceita e reconhecida como viável, nem sempre tem sido viabilizada com sucesso no cotidiano das relações entre acadêmicos, pesquisadores, profissionais de diferentes áreas. Isso porque, como vimos, os sujeitos singulares - representantes das distintas categorias profissionais - não estão, em muitos casos, necessariamente preparados para a partilha e a complementação que a interdisciplinaridade reclama. E isso é preocupante, tendo em vista que as disciplinas, as profissões, os diferentes saberes, se expressam através de sujeitos inseridos na realidade da existência, e que a prática interdisciplinar na pesquisa, no mundo acadêmico, no mundo profissional, implica necessária relação entre esses sujeitos e, portanto, intersubjetividade.

Não basta a multidisciplinaridade, a pluridisciplinaridade, que podem consistir apenas em vizinhança pacífica, em simples tolerância, mas também em solipsismo<sup>3</sup>.

Primeiro é preciso observar que os termos multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade são utilizados via de regra como sinônimos, embora por vezes seja estabelecida/

3 -Solipsismo: Doutrina segundo a qual o EU é considerado com a única realidade no mundo. "Vida ou costume de quem vive na solidão". (FERREIRA, 1986: 1607).

buscada alguma diferença entre ambos. Neste último caso encontra-se Hilton Japiassu, que aponta para leve nuance diferenciadora. Diz Japiassu:

Tanto o multi- quanto o pluridisciplinar realizam apenas um *agrupamento*, intencional ou não”, [de] “certos ‘módulos disciplinares’, sem relação entre as disciplinas (o primeiro) ou com algumas relações (o segundo): um visa à construção de um sistema disciplinar de apenas um nível e com diversos objetivos; o outro visa à construção de um sistema de um só nível e com objetivos distintos, mas dando margem a certa cooperação, embora excluindo toda coordenação”.(1976: 73 -colchetes acrescentados).

As diferenças são muito tênues e, transferindo esse raciocínio para o âmbito de um campo de trabalho - intervenção propriamente dita ou pesquisa - onde atuem profissionais de diferentes ramos do saber, têm-se, tanto no multidisciplinar como no pluridisciplinar, apenas uma simples coexistência - pacífica ou não - de compartimentos quase sempre estanques, resistentes ou indiferentes à interpenetração e, conseqüentemente ao intercâmbio.

No que se refere à tolerância, Carlos Nelson Coutinho, quando fala a respeito de pluralismo “no terreno da ciência natural ou social”, diz algo que se pode considerar pertinente também à questão do trabalho interdisciplinar. Para ele, pluralismo é “sinônimo de abertura para o diferente, de *respeito pela posição alheia*, considerando que essa posição, ao nos advertir para os nossos erros e limites, e ao fornecer sugestões, é necessária ao próprio desenvolvimento da nossa posição e, de modo geral, da ciência”; “*não é apenas tolerância de quem tem a verdade no bolso e tolera a existência do diferente*” (1991: 14).

Ou seja, não é suficiente diferentes profissionais estarem lado a lado, num mesmo ambiente científico, respeitando-se mutuamente em suas especificidades, em suas diferenças, mas cada um preso hermeticamente à sua cultura profissional, sem oportunizarem diálogo entre elas para trocas e complementações que possam resultar em ampliação de suas perspectivas frente à realidade e em ações mais efetivas e abrangentes frente à sociedade, em otimização da qualidade social e política de seu desempenho.

Interdisciplinaridade não é “simples *monólogo* de especialistas”; implica “graus sucessivos de cooperação e coordenação crescentes”, interações –reciprocidade de intercâmbios (JAPIASSU, 1976: 75). O trabalho interdisciplinar leva ao enriquecimento de cada disciplina/profissão/área de saber, pela incorporação de resultados de uma especialidade por outras, partilha de métodos e técnicas; leva também à ampliação da consciência crítica. Contribui significativamente para o fim do imperialismo disciplinar, da departamentalização da ciência, dos distritos do saber.

Tem-se, então, que a existência de profissionais de diferentes áreas num mesmo ambiente de trabalho não implica necessariamente a existência de interdisciplinaridade. A interdisciplinaridade se alicerça no entendimento do outro como alguém que comunga ou não da mesma lógica de pensar que a nossa; outro que tem visão de mundo semelhante ou divergente da nossa, menos ou mais ampla que a nossa, e também como sujeito potencialmente determinante de suas intenções, de seus projetos e de seus caminhos e que, por isso, tem - como nós devemos ter - abertura para mudar. Isso sem falar-se numa ultrapassagem ainda maior quando profissionais de distintas áreas, tendo como horizonte uma teleologia definida em conjunto e/ou assumida conjuntamente, atingem o clímax da interdisciplinaridade - ou o que para alguns pensadores é a transdisciplinaridade - direcionando seu trabalho para finalidades que a todos pertencem mas que não são propriedade de nenhuma área específica.

Japiassu atribui a criação do termo “transdisciplinar” a Piaget, citando-lhe o seguinte trecho:

‘Enfim, à etapa das relações interdisciplinares, podemos esperar que se suceda uma etapa superior, que não se contentaria em atingir interações ou reciprocidade entre pesquisas especializadas, mas que situaria essas ligações no interior de um sistema total, sem fronteiras estabelecidas entre as disciplinas’. (1976: 75).

Mas esse autor também observa que Piaget entendia a transdisciplinaridade como “uma etapa previsível das associações, mais do que uma realidade já presente.” (JAPIASSU, 1976: 76). E isso pode ser entendido como o produto do diálogo interdisciplinar.

É preciso, no entanto, ter-se bem claro que

interdisciplinaridade não ignora as diferenças entre objetos das distintas disciplinas, ciências, áreas; porém, entende que o que os une é mais importante do que as diferenças que os separam.

A respeito das relações entre objetos ou fenômenos, diz Boaventura de Sousa Santos:

Os objetos têm fronteiras cada vez menos definidas; são constituídos por anéis que se entrecruzam em teias complexas com os dos restantes objetos, a tal ponto que os objetos em si são menos reais que as relações [entre eles]. (1988: 33-34 -colchetes acrescentados).

Interdisciplinaridade também não descarta o especialista, mas o concebe num contexto global da sociedade e da realidade humana. O profissional seguro em sua formação básica específica tende a ser o mais aberto para entender o valor da contribuição do diferente.

Até porque só o aprofundamento e a conseqüente segurança das análises parciais e específicas é que torna possível a troca e a abertura para perspectivas complementares, comportamento fundamental e decisivo no processo de apreensão dos fenômenos como *holos* e como totalidade, o que em termos de estratégia de conhecimento se expressa pela perspectiva interdisciplinar. (MUNHOZ, 2005: 173).

### 3. A Interdisciplinaridade e o enfrentamento das Diferentes Culturas Profissionais

As diferentes ciências - sociais, biológicas, exatas...- e as múltiplas profissões possuem, cada uma delas, a sua própria história, uma cultura própria, do que se originam certas representações sociais a respeito de seus membros. Por exemplo: em princípio, espera-se muito mais disciplina nas estratégias de ação do administrador e do contabilista do que no assistente social e no comunicador/jornalista; no assistente social e no jornalista, é comum ter-se a expectativa de encontrar muito mais discussão sobre sociedade e questionamento; com relação ao advogado, pensa-se muito mais na regra, na lei, na fala hermética; do profissional da informática, muito mais preocupação com o plano da técnica, do que discussão sobre lógica da verdade, e assim por diante.

E há, sem dúvida, a partir disso, como alerta Silva (1986:

47), uma propensão muito maior para o etnocentrismo do que para a interdisciplinaridade: “luta simbólica entre os grupos”, “pensar por preconceitos”, “tentativa de absolutizar valores constitutivos da identidade de certos grupos” e, ao mesmo tempo, “postular a fatalidade dos valores negativos dos grupos que dominamos”. Esse fenômeno precisa, sem dúvida, ser considerado quando nos propomos a um trabalho interdisciplinar.

A partir do etnocentrismo, as profissões, de modo geral, não aprendem a se enriquecer mutuamente pelas diferenças, com base em compreensões que possuam em comum sobre a realidade; também não se exercitam no trato de fenômenos acima das diferenças de compreensão; nem se habilitam no enfrentamento de problemas a partir de sua explicitação como problemática a ser analisada conjunturalmente e conjuntamente pelos diversos profissionais envolvidos.

É preciso, então, que se atente para a qualidade do diálogo entre profissionais de diferentes formações, ou melhor, para a natureza daquilo que muitas vezes apenas se convencionou chamar de diálogo. Necessário se faz enfrentar a relação como ela se dá concretamente: em termos de simples monólogo, um solilóquio travestido, disfarçado, ou enquanto possibilidade de os interlocutores considerarem-se em sua condição mútua de alteridades que admitem pensarem-se, enfrentarem-se e considerarem-se como tal? E, em decorrência disso, admitirem-se como portadores de diferentes enfoques da realidade humana e social e de distintas concepções de verdade, especialmente em termos de normalidade/patologia social e de determinantes causais das problemáticas conjuntamente enfrentadas.

Gadotti alerta para o que denomina “falso diálogo”, quando aborda a questão do “diálogo técnico, mais exigido pela ‘existência moderna’, onde o verdadeiro diálogo é simulado, em acordos práticos e verbais”, e onde “todos falam ao mesmo tempo, não sabem o que falam, nem entendem o que os outros falam”, diferentemente do que ele considera “verdadeiro diálogo” (1985: 55-57) que, conforme Gusdorf, implica uma “atitude aberta” e reconhecer o outro como alteridade, requisitos que exigem, por sua vez, a qualidade de saber escutar e rejeitam a imposição e o convencimento do outro como um objetivo *a priori*. (apud GADOTTI, 1985: 57).

#### 4. Estímulo à discussão – em “tempo de paz”: uma estratégia que dá certo

Sem dúvida, da mesma forma que o deparar-se com limites leva o profissional a retrair-se ou ao desafio de transcendê-los, também a presença - muitas vezes ameaçadora - de profissionais de outras áreas, no seu campo de trabalho, pode impulsioná-lo a transcender o que são - ou o que entende serem - seus próprios limites.

Refiro-me aos limites não apenas como algo que se identifica no plano da positividade, mas também como o que se configura no plano do entendimento, porque muitas vezes a linha demarcatória entre o possível e o impossível de ser levado a efeito deriva do significado da situação para um sujeito singular ou um grupo particular de sujeitos. Sujeitos esses por sua vez determinados, em sua singularidade/particularidade, pelo caldo cultural, pela situação de classe em que se inserem - quer na condição de cidadãos, quer enquanto profissionais -, bem como pela dimensão da experiência vivida no enfrentamento de dificuldades onde entra em cena também a concepção de limites e a ótica frente a estes - como impedimentos ou como desafios.

Uma estratégia muito importante, e que produz resultados no sentido do fortalecimento do trabalho interprofissional, é o cultivo da discussão entre profissionais de diferentes áreas que atuam num mesmo ambiente de trabalho: pesquisa ou intervenção direta na realidade do cotidiano.

Mas, ainda sobre a importância da discussão, é preciso registrar que a discussão é potencialmente mais frutífera se instalar-se primeiramente como processo de reflexão conjunta sobre temas de interesse comum a diversos profissionais. A discussão temática, sem dúvida, prepara o clima para pensar conjuntamente projetos, decisões, ações; nesse sentido tem função pedagógica no processo de alerta para o valor da interdisciplinaridade.

Evitar que a discussão se instale apenas a partir de impasses pontuais, pois isso é via de regra desgastante, porque em tais momentos falta o ambiente propício que poderia ser aprioristicamente criado pela troca de idéias, pela aceitação do outro, no que denomino de “tempo de paz”.

## Referências

- ALMEIDA, João Ferreira de; PINTO, José Madureira. *Da teoria à investigação empírica: problemas metodológicos gerais*. In: SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira (Orgs.). **Metodologia das ciências sociais**. Porto: Afrontamento, 1986.
- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade** (Trad. Floriano de Souza Fernandes). 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Pluralismo: dimensões teóricas e políticas*. In: **Cadernos ABESS**. São Paulo: Cortez, nº 4, Maio/1991.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DUROZOI, Gérard e ROUSSEL, André. **Dicionário de Filosofia** (Trad. Marina Appenzeller). Campinas: Papirus, 1993.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.
- GADOTTI, Moacir. **Comunicação docente**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.
- JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MUNHOZ, Divanir Eulália Naréssi. *Trabalho Interdisciplinar: realidade e utopia*. In: **Revista Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez, n. 51: 167-171, agosto/1996.
- MUNHOZ, Divanir Eulália Naréssi. *Da Multi à Interdisciplinaridade: a Sabedoria do Percurso*. In: **Revista de Estudos Criminais**. Porto Alegre: Notadez/PUCRS/ITEC, n.18, abr/jun/2005: 65-70.
- MUNHOZ, Divanir Eulália Naréssi. *Um Espaço para Diálogo entre Diferentes Culturas Profissionais*. In: **Revista de Estudos Criminais**. Porto Alegre: Notadez/PUCRS/ITEC, n.18, abr/jun/2005: 173-178.
- PORTELLA, Eduardo. *A reconstrução da disciplina*. In: **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 108: março/1992: 5-7
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**.

2.ed. Porto, Edições Afrontamento, 1988.

SILVA, Augusto Santos. *A ruptura com o senso comum nas ciências sociais*. In: SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira (orgs.). **Metodologia das ciências sociais**. Porto: Afrontamento, 1986.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis: Vozes, 2002.

VATTIMO, Gianni. *A educação contemporânea entre a epistemologia e a hermenêutica*. In: **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 108, março/1992: 9-18.